

Loja Independente de Teosofistas:

# Como Evitar os Erros Pedagógicos de W. Q. Judge

## No Estudo Sério de Teosofia, é Indispensável o Uso de Discernimento

Carlos Cardoso Aveline



Paradoxos e contradições rodeiam todo peregrino espiritual. A cada passo o aprendiz encontra novos e inesperados contrastes.

Em dezembro de 2003, eu tinha pouco mais de vinte anos de experiência de movimento teosófico quando a Sociedade de Adyar publicou, nos Estados Unidos, um livro com ataques fraudulentos contra Helena Blavatsky. Apesar de ela ser a fundadora do movimento teosófico moderno.

O livro chegou às minhas mãos em abril de 2004. Ao folhear o volume, detectei o problema. Parecia difícil de acreditar que um livro com tamanho desprezo pela verdade pudesse ter sido publicado pelo vice-presidente internacional da Sociedade. Confirmei o fato óbvio falando por telefone com teosofistas experientes de outros países. Os textos injuriosos contra Blavatsky *eram tão falsos quanto a aparente devoção de Judas Iscariotes, o discípulo insincero de Jesus.*

Dias depois comecei uma ação internacional em defesa da ética e da verdade. Em carta para mim, a presidente internacional da Sociedade, Radha Burnier, qualificou os textos como “obviamente espúrios”. A ação de John Algeo e outros teosofistas norte-americanos era disfarçadamente brutal. Talvez a intenção fosse degradar Blavatsky moralmente - usando inverdades - até o ponto de colocá-la no mesmo nível ético de Charles Leadbeater e Annie Besant.

Era preciso restabelecer a verdade.

Pouco a pouco, entre um obstáculo e outro e enfrentando não poucas pedradas, o projeto em defesa de Blavatsky ganhou força, apesar da oposição dos sistemas corporativos do movimento.

O esforço culminou em outubro de 2013 com a publicação do livro “**The Fire and Light of Theosophical Literature**”, que analisa a luta entre traição e lealdade no movimento teosófico desde 1891.

## **Uma Ação Vergonhosa nos Estados Unidos**

A defesa da verdade sobre a fundadora do movimento mostrava documentadamente a deslealdade de importantes líderes políticos e corporativos, especialmente do vice-presidente internacional da Sociedade, o norte-americano John Algeo. Como a Sociedade Teosófica e mesmo outros setores do movimento se guiam amplamente por interesses corporativos, a defesa da verdade desagradou desde o início não só a setores influentes da Sociedade de Adyar, mas também da Loja Unida de Teosofistas.

A intenção de colocar o respeito pela verdade e por Helena Blavatsky acima de falsos consensos institucionais chegou a um patamar cada vez mais amplo com a passagem do tempo. Em 2009, alguns amigos e eu fundamos a loja luso-brasileira da LUT. Mas a LUT nos Estados Unidos estava indecisa sobre se devia defender a verdade ou defender os que espalhavam falsidades contra Blavatsky.

Parecia “antifraterno” para muita gente o fato de que associados lusófonos da LUT combatessem de frente, em inglês, internacionalmente, a (para nós) surpreendente deslealdade de setores majoritários do movimento, que desprezavam em primeiro lugar a verdade; que desrespeitavam em segundo lugar Helena Blavatsky, e que apresentavam em terceiro lugar como irrelevante o ensinamento original dos Mestres. <sup>1</sup>

Um dos resultados naturais desta tensão criativa foi que, três anos depois do lançamento em 2013 de “**The Fire and Light**”, a loja luso-brasileira da LUT declarou sua

---

<sup>1</sup> Clique para ver os textos “[Projeto de Defesa de HPB - 2016](#)” e “[FIRE AND LIGHT, Uma Obra Oportuna](#)”. Cabe deixar claro que a reação dos amigos da fraude contra a defesa da verdade sobre Blavatsky não ocorreu na LUT indiana, que permaneceu indiferente à controvérsia.

autonomia internacional e constituiu, em setembro de 2016, a Loja Independente de Teosofistas, LIT.<sup>2</sup>

## **A Radiografia de uma Incapacidade**

A incapacidade dos seguidores de William Q. Judge de defender Blavatsky contra calúnias inenarráveis feitas dentro do movimento teosófico que ela própria fundou - falsidades divulgadas por altos líderes de Adyar - constitui um fenômeno extraordinário, que merece ser estudado.

Houve duas exceções notáveis e outras exceções menores, no meio do quietismo organizado dos seguidores de Judge e dos membros da Sociedade de Adyar.

Uma atitude de total solidariedade foi adotada pelo periódico mensal “The Aquarian Theosophist”, na época editado por Jerome Wheeler, de Los Angeles. A outra exceção brilhante foi a revista internacional trimestral “Fohat”, do Canadá, editada pela Edmonton Theosophical Society, da cidade de Edmonton.

Estes dois apoios decisivos expressam o fato - fácil de observar - de que o setor do movimento que segue Judge é mais lúcido e coerente do que o setor do movimento que segue Besant. Sem comparação. Está livre de rituais, está muito mais próximo do ensinamento original, jamais atacou qualquer um dos fundadores, e segue um dos fundadores do movimento, Judge, pessoa que sempre teve intenções éticas. Tudo isso coloca a LIT muito mais perto dos seguidores de Judge do que da ala do movimento que ainda tem a estrutura ritualista criada por Besant, com base em falsas clarividências. Não por acaso a LIT surgiu da LUT, e mantém profunda afinidade com a LUT e o seu trabalho. Os fundadores da LIT, quando ainda estavam na LUT, coordenaram uma campanha internacional de cartas pela valorização histórica da vida e do trabalho de William Judge, como cofundador do movimento. Judge era injustamente ignorado na Sociedade de Adyar. A campanha, realizada de 2006 a 2013, foi exitosa.<sup>3</sup> A Loja Independente valoriza, portanto, o trabalho de Judge.

Ainda assim, as falhas do setor do movimento que segue Judge são sérias e afetam a parte mais bem informada das associações teosóficas. Cabe investigar a origem da ampla falta de ação em defesa da verdade. A tarefa é inevitável porque o presente e o futuro do movimento dependem da sua capacidade de diferenciar o certo e o errado, e de descartar ativamente o que está errado.

Helena Blavatsky era vítima de calúnias das mais grosseiras, divulgadas em cartas falsas atribuídas a ela, publicadas em livro, como se fossem verdadeiras, por John Algeo.

---

<sup>2</sup> Veja “[O Perfil da Loja Independente](#)”.

<sup>3</sup> Leia o texto “[A Verdade Sobre William Judge](#)”.

Se diante disso grande parte dos seguidores de William Judge ignorou ou atacou furtivamente o esforço pela defesa da ética, é oportuno investigar a fonte e a origem pedagógica de tamanha ausência de discernimento.

## **Estimulando Uma Devocão Que Não Pensa**

Ao longo dos anos, foi ficando claro em meus estudos que há nos escritos de William Judge um convite à falta de exame crítico da realidade, um estímulo à crença cega e à confiança automática na liderança dele próprio.

Como veremos mais adiante, ao analisarmos algumas afirmações feitas por Judge, a visão de Carma que ele divulga é equivocada. Os sérios erros do seu texto “Aphorisms on Karma” (Aforismos Sobre Carma) são examinados no artigo “***Anotações Sobre o Carma***”.<sup>4</sup> O texto “***Anotações***” não se refere nominalmente a William Judge porque focar nele o exame das ilusões seria injusto. Os equívocos que ele comete são comuns a grande número de pensadores da teosofia mais superficial e menos autêntica. Em relação a Carma, Judge apenas repete as ilusões e lugares comuns divulgados em vasto número de agrupações bem-intencionadas. O problema não está apenas em Judge, mas na visão geralmente distorcida que se tem do Carma.

Vejamos outros exemplos.

Há uma confusa combinação de verdades e ilusões, em um texto de Judge publicado parcialmente em “O Teosofista” de outubro de 2011, p. 10. Foi só depois e gradualmente que percebemos os erros de W. Q. Judge nesta área.

Partindo de fatos verdadeiros e de fundamental importância, Judge planta (naquele artigo como em outros) as bases de uma ortodoxia cega.

Aqui está o trecho:

\* *“O tempo é necessário para todo crescimento, toda mudança e todo desenvolvimento. Deixem que o tempo faça o trabalho perfeito dele e não o impeçam.”*

\* *“Qual é, então, a panaceia, em última instância - o supremo talismã? É o cumprimento do DEVER, o inegoísmo. O dever colocado em prática com persistência é a ioga mais elevada. É melhor do que mantras, melhor que qualquer postura, que qualquer coisa. Se vocês só podem cumprir o seu dever, isso é suficiente para chegar à meta. E, meus caros amigos, posso jurar, os Mestres estão observando a todos nós e, inevitavelmente, quando chegarmos ao ponto certo e realmente merecermos, Eles se manifestarão de maneira perceptível para nós. Eu sei que Eles nos ajudam em todos os tempos e tratam de ajudar-nos na medida em que nós deixarmos que isso aconteça.”*

\* *“Na verdade, os Mestres estão ansiosos (para usar uma palavra nossa própria) para que o maior número possível de indivíduos alcance o estado de força e amor em que Eles estão. Por que supor, então, que eles não ajudam? Como Eles são Atma e portanto são a própria lei do carma, Eles estão em tudo na vida, e em cada etapa dos nossos*

---

<sup>4</sup> Veja “***Anotações Sobre o Carma***”.

*dias e anos. Se você despertar a sua fé nesta linha de pensamento, você ficará mais perto da ajuda Deles do que poderá perceber.”*<sup>5</sup>

Cabe fazer três comentários, numa análise que visa discernir o verdadeiro e o falso.

### **Primeiro Comentário**

Na citação acima, W. Q. Judge, afirma:

**“...E, meus caros amigos, posso jurar, os Mestres estão observando a todos nós e, inevitavelmente, quando chegarmos ao ponto certo e realmente merecermos, Eles se manifestarão de maneira perceptível para nós.”**

Os Mestres se manifestarão para nós?

Bem, isso talvez ocorra, se soubermos esperar algumas encarnações, enquanto fazemos o tempo todo o melhor que podemos na direção do discipulado - e durante a encarnação inteira. Saber disso com realismo ajuda a varrer para longe as fantasias de autoimportância por parte do eu inferior.

Vejamos o contexto psicológico.

William Judge sofria de umas crises de desânimo. Houve pelo menos um episódio depressivo profundo em 1884.<sup>6</sup>

Além disso, Judge ameaçou HPB de desanimar e “largar tudo” já durante o trabalho da Escola Esotérica, conforme documentado na correspondência dele com HPB, publicada em nossos websites.<sup>7</sup>

Com frequência episódios de depressão constituem apenas **“a outra posição da gangorra”**, quando o indivíduo sofre também de euforias injustificadas e sensações de exagerada autoimportância.

Nada contra a pessoa que sofre de depressão. Tudo a favor do irmão que enfrenta este problema. Mas ninguém que sofre de crises e depressões ao trabalhar pela humanidade tem motivo para adotar poses de sabe-tudo ou de discípulo avançado, muito menos de Iniciado, cercando-se de admiradores acrílicos. E se isso ocorrer, o dever de todo teosofista sensato é manter o seu próprio bom senso.

A vaidade é um mecanismo de fuga da depressão e do desânimo, e acaba piorando o problema.

---

<sup>5</sup> William Judge, no livro **“Letters That Have Helped Me”**, Theosophy Co., Los Angeles, 300 pp., 1946, ver p. 68.

<sup>6</sup> **“The Judge Case”**, de Ernest Pelletier, Edmonton Theosophical Society, Canadá, 2004, Parte I, páginas 322-323. Veja também a reveladora correspondência entre Damodar e Judge no livro **“Damodar”**, de Sven Eek, TPH, Índia, 1965-1978, pp. 25 a 32.

<sup>7</sup> Veja **“[Letters Between Blavatsky and Judge - 17](#)”**.

Judge inflou sua importância pessoal depois da morte de HPB. Conversou imaginariamente com Mestres <sup>8</sup>, usou isso para ter autoridade durante a luta de poder com Besant (que também já “conversava com Mestres”), e isso pode ter contribuído para o estresse que levou à sua morte prematura.

A autoimportância é uma falsa fonte de entusiasmo, que com frequência convida subconscientemente a fantasiar contatos com Mestres ou a alimentar ideias de que se é “alguém muito especial”.

Podemos ver que Judge se coloca neste trecho como “a garantia pessoal de que os Mestres existem”, ao afirmar “eu sei que eles ajudam...”.

Ele diz implicitamente que sabe como os Mestres trabalham, e sugere isso sem fonte, sem documentação. Judge afirma que “pode jurar” que os Mestres nos observam. Ou seja, “ele garante”. A lógica é “podemos acreditar porque ele garante”. Deste modo é estimulada a ingenuidade. O raciocínio proposto é o seguinte: “Judge é a garantia, acreditemos nele, já não é preciso pesquisar nem verificar com independência.”

Na mesma linha, Judge conseguiu fazer a proeza de escrever “**O Oceano da Teosofia**” praticamente sem citar “**A Doutrina Secreta**”. No entanto, a pequena obra dele é inteiramente baseada na DS e outros escritos de HPB, e nos trechos em que tentou ser original foi um fracasso. Um exemplo ocorre ao ele dizer que a nação chinesa estava em extinção, e ao escrever outros trechos talvez racistas, *não por ser racista, mas por mera ignorância e inexperiência*. Estes fatos estão assinalados na nossa edição online de “O Oceano da Teosofia”.

O fato de não citar “A Doutrina Secreta” como fonte é grave porque implica desrespeito para com a origem dos conhecimentos e uma atribuição indevida de sabedoria a si mesmo. Há uma necessidade ética, cármica, inevitável, de citar as fontes que usamos, sempre.

Ao pensar nos Mestres e em Blavatsky, é indispensável examinar se estamos protegidos por uma total humildade e pelo autoesquecimento. Cabe observar se algum sentido de autoimportância, escondido sob o sentimento de devoção aos sábios, está querendo inflar o ego sutilmente com a vacuidade pomposa das almas indevidamente infantis.

A relativa ausência de discernimento na pedagogia de William Judge ensina coisas fundamentais à Loja Independente. Judge estimulou nos outros a crença cega no que ele dizia. E isso **nem os Mestres, nem HPB, nem qualquer discípulo regular ou aspirante bem informado jamais fazem.**

---

<sup>8</sup> Sobre a pretensão de conversar com Mestres, veja “**Theosophical Articles**”, William Q. Judge, Theosophy Co., Los Angeles, 1980, edição em dois volumes, volume II, p. 80 e p. 331. Há várias outras evidências e trechos em que Judge alega conversar com Mestres. É claro que Annie Besant fazia o mesmo e a controvérsia entre os dois supostos iniciou a destruição amplamente o movimento. Uma ação *infantil* por parte de Besant e Judge, embora devamos lembrar que os erros de Besant foram muito mais graves.

Avançando pela linha da autoilusão, Judge escreveu o seguinte no seu artigo “**The Closing Cycle**”:

“... Esta ideia pode parecer estranha, mas para aqueles que acreditarão em minha palavra sem comprovação, eu direi que isto é o que diz o Mestre.”<sup>9</sup>

Qual é exatamente a “ideia” a que se refere Judge?

Trata-se de um ensinamento que ele pegou de “Ísis Sem Véu”, em que Buddha diz que seus discípulos não devem usar poderes psíquicos em público<sup>10</sup>.

Judge usou o ensinamento de “Ísis” sem citar a fonte, nas linhas anteriores ao trecho que selecionei. Adaptou e floreou as palavras de Blavatsky, insinuando ao final que seria correto os estudantes acreditarem na palavra pessoal dele como garantia.

É particularmente infeliz o fato de que ele faz esta insinuação de que tem poderes, isto é, contato verbal com os Mestres, enquanto transmite o ensinamento correto de que ninguém deve exibir poderes. É por este tipo de atitude ingênua que o movimento teosófico tem tido grande dificuldade para aprender com seus erros e cumprir sua missão sagrada.

## **Segundo Comentário**

Pouco depois, Judge afirma peremptoriamente, referindo-se aos Mestres:

**“Por que supor, então, que eles não ajudam? Como Eles são Atma e portanto são a própria lei do carma...”**

Temos aqui mais um erro infantil: a ideia de que os Mestres são a Lei. É preciso desmontar cuidadosamente a armadilha desta desinformação. No artigo “Chelas e Chelas Leigos”, HPB esclarece:

“Os Mahatmas são servidores, não árbitros da Lei do Carma.”<sup>11</sup>

Os Mestres deixam claro de todas as maneiras que eles são humildes colaboradores da Lei, “escravos da Lei”. Eles apenas conhecem a lei melhor que o resto da humanidade. Pensar que eles estão acima da lei, que estão fora da lei ou que são a lei constitui uma falha conceitual eliminatória. Quem comete este erro está fora de foco num aspecto central da sua vida. *E quase todo o movimento não tem ainda uma visão clara deste ponto*, porque poucos estudam as Cartas, e quem não é Besantiano segue Judge. Besant e Judge, como os seus seguidores, compartilham esta ilusão fatal. Já Alice Cleather e

---

<sup>9</sup> Do livro “Theosophical Articles”, William Q. Judge, Theosophy Co., Los Angeles, 1980, edição em dois volumes, ver pp. 154-155, volume II.

<sup>10</sup> “[Isis Unveiled](#)”, volume I, p. 600. Na edição brasileira de “Ísis Sem Véu” (Ed. Pensamento), a passagem está na p. 272 do volume II.

<sup>11</sup> Do texto “[Chelas e Chelas Leigos](#)”.

William Kingsland não cometem este erro, mas estão amplamente esquecidos. Cabe ter presente o texto “**Mestres Obedecem à Lei do Carma**”<sup>12</sup>.

### **Terceiro Comentário**

À maneira de um professor alfabetizando crianças, William Judge assegura:

**“Se você despertar a sua fé nesta linha de pensamento, você ficará mais perto da ajuda Deles do que poderá perceber.”**

Chegamos aqui, como resultado dos erros anteriores, ao uso da palavra “fé”. Judge parece estar evangelizando. A teosofia para ele é uma questão de fé.

Judge deseja que as pessoas acreditem.

Ele garante que os Mestres fazem isso ou aquilo, sem citar fontes. Ele jura que “se as pessoas acreditarem no que ele afirma estarão mais próximas dos mestres”.

É claro que neste esquema de “pedagogia da fé” não interessa estudar as Cartas, nem seguir o que elas dizem, porque nelas os Mestres esclarecem de muitas maneiras diferentes (inclusive na Carta de 1900) que *credulidade gera credulidade e acaba em hipocrisia*. E eles deixam claro: eles não aceitam “crentes” para o discipulado, mas tratam de apoiar aqueles que procuram a verdade com independência, com uma mente aberta e com autorresponsabilidade.

### **Crosbie Não Cai no Erro de Judge**

Em determinado momento dos seus escritos, o principal fundador da Loja Unida de Teosofistas, Robert Crosbie, afirma:

*“Aqueles Grandes Seres que eu sei que existem veem cada discípulo dedicado e de coração puro, e estão dispostos a fazer girar a chave do conhecimento...”*

Ao contrário do que vimos acima ao examinar trecho de William Judge, esta afirmativa não estimula a crença cega, mas pertence ao sentido comum. Porque todo estudante experiente “sabe” de uma forma direta e vivencial da existência dos Mestres, e percebe que eles ajudam em certos momentos, ou pode deduzir isso com clareza.

Por outro lado, R. Crosbie não está aqui *dizendo às pessoas o que elas devem acreditar ou fazer*. Ele dá o seu próprio testemunho, faz sua declaração de princípios, diz o que pensa e sente. Com isso talvez fique claro por que é provável que Crosbie tenha ajudado o movimento mais do que Judge. Não teve oportunidades tão grandes como as que Judge teve. Não conheceu HPB pessoalmente. Foi modesto, mas a árvore se conhece pelos frutos, e Crosbie deixou a LUT ao morrer em 1919 como um instrumento que preservava a atmosfera sagrada do trabalho e tinha um futuro.

---

<sup>12</sup> Clique para ver “[Mestres Obedecem à Lei do Carma](#)”.

Judge, com suas qualidades e limitações, expressou o processo caótico da transição para o período pós-Blavatsky, nos anos 1890. Dividiu-se então o movimento rigidamente entre os seguidores de Besant e os seguidores de Judge, *sem que houvesse uma organização de seguidores de Helena Blavatsky*. Mesmo assim, Robert Crosbie recuperou aspectos importantes do movimento, ao fundar a LUT a partir de 1909.

Crosbie escreveu com realismo e bom senso:

“A Religião-Sabedoria fala de duas doutrinas, ou seja, a doutrina do Olho (ou da Cabeça), e a doutrina do Coração; a doutrina do Olho é a do intelecto; a doutrina do Coração é a espiritual, e nela o conhecimento surge de dentro, espontaneamente. É esta última que vocês devem buscar, e posso assegurar que a Teosofia os levará até ela. Não há necessidade de avançar às cegas, vacilando, nem de perder-se pelo caminho, porque o mapa que levou muitos até a meta está agora em suas mãos através da filosofia teosófica. E quero dizer aqui para vocês: não sejam demasiado ansiosos. Esperem pelo momento em que a sua própria busca interior abrirá as portas, porque aqueles Grandes Seres que eu sei que existem veem cada discípulo dedicado e de coração puro, e estão dispostos a fazer girar a chave do conhecimento, quando chega o momento certo para o progresso do discípulo. Ninguém que se esforça por trilhar o caminho é deixado sem ajuda: os Grandes Seres veem a sua ‘luz’, e ele recebe o que é necessário para o seu melhor desenvolvimento. Esta luz não é apenas uma imagem poética, mas algo real, e o seu aspecto revela a condição espiritual do indivíduo; não há véus, naquele plano de visão.”<sup>13</sup>

### **Garrigues, *The Aquarian* , Alice, e Figanière**

John Garrigues, cofundador da Loja Unida em 1909, liderou a LUT desde 1919 até abandonar o plano físico dia 24 de maio de 1944. Naquele momento, o mundo estava às vésperas do final da Segunda Guerra.

Desde então a egrégora superior da LUT foi pouco a pouco perdendo nitidez, mas sempre houve nela estudantes valiosos, tal como há hoje. Estudioso da vida e dos escritos de Garrigues, Jerome Wheeler fundou o periódico mensal “Aquarian Theosophist” desde Los Angeles em novembro do ano 2000.

Em 2004, Jerome colocou o *Aquarian* a serviço da pedagogia correta a partir do momento em que viu surgir a defesa de Blavatsky. Ao adoecer e largar o trabalho, em meados de 2006, ele fez com que aumentasse a nossa responsabilidade.

O projeto que mais tarde assumiria o nome de Loja Independente de Teosofistas recebeu uma chama viva de Jerome Wheeler, um aluno de Blavatsky que soube defender a instrutora.

---

<sup>13</sup> Em “The Friendly Philosopher” livro publicado por Theosophy Co., Los Angeles, 1945, ver p. 7. Parte do trecho está na p. 12 de “O Teosofista” de agosto 2008.

Em outras palavras, a LIT é depositária de uma certa chama oculta, e talvez não seja por acaso que fomos convidados para publicar “The Aquarian Theosophist” a partir de 2012.

O esforço da LIT considera-se herdeiro também da vida e da obra de Alice Leighton Cleather. Alice deu um exemplo pioneiro ao *tentar* construir um projeto teosófico que não seguisse nem Judge nem Besant, mas sim Helena Blavatsky e o ensinamento direto dos Mestres.

Além de Alice, a Loja Independente valoriza como fonte de inspiração a vida e a obra do Visconde de Figanière. Amigo pessoal de Blavatsky, aluno dela na escola esotérica original, Figanière é o grande pioneiro da teosofia no mundo lusófono. Foi representante diplomático de Portugal na Rússia, e morou em S. Petersburgo em uma casa que pertencia à família de Blavatsky.

## **Enxergar os Fatos com Clareza**

É preciso ter uma visão clara da história do movimento esotérico, porque a História é um registro do Carma.

As Cartas dos Mestres foram publicadas a partir de 1919, ano em que morreu Robert Crosbie. Em 1919 foi a vez da primeira série de “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, compiladas por C. Jinarajadasa. As “Cartas dos Mahatmas” apareceram em dezembro de 1923, editadas por A. Trevor Barker. A segunda série de “Cartas dos Mestres” foi publicada em 1925.

Antes de 1919, as Cartas circulavam de modo avulso entre alguns estudantes, e algumas delas haviam sido publicadas isoladamente.

A Loja Unida de Teosofistas jamais deu prioridade ao estudo das Cartas. Sempre seguiu William Judge no plano concreto, e a HPB no plano teórico, ignorando quase por completo as Cartas dos Adeptos, mesmo em termos de estudo teórico.

A Loja Independente é a primeira associação teosófica desde 1891 a afirmar de público que considera as Cartas como o principal guia de trabalho e fonte de orientação disponível para o movimento teosófico, ficando as obras de HPB em um segundo lugar muito próximo, porque foram escritas em colaboração direta com os Mestres. No entanto, o primeiro lugar é das Cartas, por motivos que a LIT considera que todo estudante pode perceber lendo-as com atenção.<sup>14</sup>

Robert Crosbie chegou perto desta percepção. Em algum momento antes de 1919, ele escreveu, mencionando Judge:

“Há muita conversa fiada sobre ‘linhas originais’. Quais são elas? Bem, W.Q.J. escreveu *depois* que H.P.B. havia ido embora que nós devemos ir até Ela e até as *cartas* do Mestre para achar o ‘programa de ação’. Não está tudo colocado na forma de um

---

<sup>14</sup> A respeito deste tema temos publicado online o livreto “[Correspondência Com Joy Mills](#)”.

cronograma, mas está lá, e pode ser encontrado por qualquer um que tenha como prioridade seguir o programa.”<sup>15</sup>

Com efeito, Judge escreveu isso num dos primeiros parágrafos do seu artigo “The Future and the Theosophical Society”. O artigo foi publicado dez meses depois da morte de HPB, quando ninguém havia ainda “conversado com Mestres”, nem havia começado a luta insana pelo poder. Judge expressou a ideia, mas é preciso também agir à altura.

Idêntica posição - prioridade para HPB e Mestres - foi adotada por Geoffrey Farthing<sup>16</sup>, da Sociedade de Adyar, na segunda metade do século 20. Farthing cumpriu papel importante no meu próprio processo individual de despertar para a questão do contraste entre o verdadeiro e o falso no movimento. Foi lento e gradual o meu despertar, mas foi documentado bibliograficamente.

Farthing propôs HPB e os Mestres como fontes de orientação para o movimento, porém, ainda faltou a ele reconhecer a clara centralidade das “Cartas dos Mahatmas” e das “Cartas dos Mestres” editadas por C. Jinarajadasa: especialmente em questões pedagógicas, isto é, de pesquisa, ensino e aprendizagem. Também faltou a Farthing sair da ST de Annie Besant *para começar a construção de um organismo independente, concebido desde o início com base no ensinamento dos mestres e de HPB*.

Este bom exemplo nos foi dado por A. Cleather (1854-1938), William Kingsland (1855-1936) e seus colaboradores, na Inglaterra, no Canadá e nos Estados Unidos.

## **O Caminho da Independência**

Dos discípulos diretos mais próximos de HPB, o exame histórico dos fatos mostra que Alice Leighton Cleather foi possivelmente a pessoa que teve mais discernimento no modo como examinou a crise e o fim da Sociedade Teosófica original.

Em um dos seus livros publicados online<sup>17</sup>, Alice discute não só os erros de Besant, mas também os de Judge, avaliando por que motivo ambos caíram em conversas imaginárias com Mestres em meio a uma luta pouco saudável pelo poder.<sup>18</sup>

Conversar com sábios imortais era algo que dava prestígio, e, como sabemos, o subconsciente é capaz de imaginar tudo o que o subconsciente deseja. Assim, conversas

---

<sup>15</sup> Robert Crosbie em “The Friendly Philosopher”, p. 174. Leia também “[Deixando os Mestres de Lado](#)”.

<sup>16</sup> Temos artigos em inglês sobre Farthing, em nossos websites. Um deles é de [Robert Kitto](#). Outro é intitulado “[Life And Work of Geoffrey Farthing](#)”. Os websites associados possuem alguns textos escritos por [G. Farthing](#).

<sup>17</sup> Clique para ver os escritos de [Alice Leighton Cleather](#) nos websites associados.

<sup>18</sup> Leia o **Addendum**, pp. 117-124, na obra “[H.P. Blavatsky, Her Life and Work for Humanity](#)”, de Alice Leighton Cleather.

com falsos Mestres são numerosas no movimento, mas discernimento e bom senso nem sempre se encontram com facilidade. <sup>19</sup>

Esta forma de falta de respeito para com os *verdadeiros Mestres* abriu as portas da decadência.

Por que a centralidade das Cartas dos Mahatmas foi tão sistematicamente ignorada por seguidores de Annie Besant e William Judge, e portanto por quase todas as instituições e corporações do movimento?

E por que motivo os seguidores de Judge foram, na sua maioria, incapazes de defender a principal fundadora do movimento contra o ataque feito de dentro da Sociedade de Adyar - a partir de dezembro de 2003 - com base em cartas falsas?

Terá sido por causa do excesso de credulidade estimulada pelos líderes “políticos” depois de Blavatsky? Talvez seja porque, insistindo em ignorar as Cartas dos Mestres, os líderes seguiram lógicas corporativas de curto prazo, ao invés de seguirem a lógica do *respeito incondicional à verdade*. <sup>20</sup>

O não-defender Blavatsky deve ser visto como um sintoma. É um sinal de que há uma credulidade imobilizadora, mais típica de uma igreja do que de uma escola de filosofia.

O lema do movimento criado por Blavatsky é *buscar a verdade*.

*Até quando os líderes das instituições teosóficas pretendem tratar de evitar que os teosofistas das suas associações levem a sério - na forma prática como trabalham - a pedagogia ensinada nas Cartas?*

A Loja Independente é herdeira das fases anteriores do esforço teosófico. O seu projeto tem o privilégio invisível de guiar-se sobretudo pelo ensinamento direto dos Mestres, enquanto procura trabalhar na missão essencial do movimento: abrir caminho para o futuro saudável da humanidade.

Cabe à Loja e aos seus amigos trabalhar da melhor maneira possível com o que está ao seu alcance. Diante da LIT e de cada teosofista de boa vontade está uma tarefa sagrada que se renova todos os dias, mas permanece fundamentalmente a mesma desde 1891.

000

O artigo acima foi publicado nos websites associados dia 16 de junho de 2021, quando o Sol estava no grau 25 de Gêmeos e a Lua no grau 5 de Virgo.

Clique para ler os artigos “[Anotações Sobre o Carma](#)” e “[O Perfil da Loja Independente](#)”.

000

---

<sup>19</sup> Examine “[Sobre Contatos com Mestres](#)”.

<sup>20</sup> A respeito do estranho “esquecimento” dos verdadeiros Mahatmas, veja “[Deixando os Mestres de Lado](#)”.